

Jornal de Troia

IIª edição

12 Maio 82

p. IV
11

A presença de
João Paulo II
como sinal de comunhão
entre os católicos

Fundação Cuidar o Futuro

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

O SIGNIFICADO DA VISITA DE JOÃO PAULO II EM PALAVRAS DO NÚNCIO APOSTÓLICO

Oportunidade extraordinariamente motivadora para todos os que se prezam de pertencer à Nação Fidelíssima se empenharem em construir a civilização do Amor

Arquivamos, com muito agrado, nestas colunas o depoimento do Nuncio Apostólico em Portugal, monsenhor Santa Portaluppi, acerca da visita de João Paulo II ao nosso país:

Pedem-me um depoimento sobre a próxima visita do Santo Padre João Paulo II a Portugal. De boamente o faço.

Antes de mais, desejo exprimir a minha profunda emoção por me ser dado participar tão de perto neste acontecimento verdadeiramente histórico, não só para a vida da Igreja, como de toda a Nação Portuguesa. Ele surge-me quase inesperadamente, numa altura em que estou prestes a terminar a minha já longa carreira ao serviço da Santa Sé. Depois do Brasil, Paraguay, Cuba, Nicarágua, Argélia,

coube-me a vez de vir representar o Santo Padre nesta Terra de Santa Maria. Considero, por isso, uma carinhosa atenção de Nossa Senhora o facto de me ter reservado este País, e esta hora, para Lhe dizer o meu «muito obrigado», intimamente unido aos mesmos sentimentos de acção de graças que trazem o Santo Padre aos pés da Virgem de Fátima.

Em segundo lugar, desejo afirmar que partilho intensamente da alegria e da esperança de todo o Povo de Deus por esta visita. A presença física de Sua Santidade entre nós, presidindo à celebração da Eucaristia, cantando e rezando connosco, dirigindo-nos palavras de Verdade e de Paz... dará novo alento aos mais fracos e titubeantes, e

a todos confirmará na Fé e na concórdia. Será, para todos os que se prezam de pertencer à Nação Fidelíssima, uma oportunidade extraordinariamente motivadora para se interrogarem sobre o grau da sua fidelidade e do seu real empenho em construir uma nova civilização, a civilização do amor.

Por fim, formulo ardentes votos de que a visita do Santo Padre contribua eficazmente a despertar em todos, crenças ou não, sentimentos de maior respeito uns pelos outros, de maior capacidade de harmonioso entendimento, assim como de firme adesão àqueles valores que, constituindo um sagrado património da humanidade, são salvaguarda segura da sua sobrevivência na paz e no verdadeiro progresso.

Mensagem de esperança na aceitação e na conversão — declaração da secretária de Estado da Família

A propósito da visita de João Paulo II, a secretária de Estado da Família, dr.ª Maria Teresa da Costa Macedo, concedeu-nos a seguinte declaração:

A visita de S.S. o Papa João Paulo II a Portugal reveste-se para todos nós, famílias portuguesas, de um profundo e duplo significado.

O Papa assume uma peregrinação de amor no Altar do Mundo, para agradecer a Maria ter sido salvo numa hora que foi Sinal de Vida para um mundo sem amor.

João Paulo II rezando connosco, num 13 de

Maio, em Fátima, ela própria um lugar de jubilo para a Nação Fidelíssima e para o Mundo, é mensagem de esperança na aceitação e na conversão.

Por isso é, também, proposta de renovação porque a Sua Presença é o testemunho de uma profunda humanidade.

É testemunho da coragem e é compromisso da Fidelidade!

É certeza do diálogo! Saibam as famílias de Portugal compreender esta mensagem:

«O FUTURO DO HO-MEM PASSA PELA FAMÍLIA».

MARIA DE LURDES PINTASILGO:

A presença de João Paulo II como sinal da comunhão entre os católicos

Maria de Lurdes Pintasilgo, destacada dirigente católica que foi primeiro-ministro do V Governo Constitucional e primeira embaixatriz de Portugal junto da UNESCO após o 25 de Abril, concedeu ao «JORNAL DE TRÓIA» o seguinte depoimento:

Quando, a 2 de Outubro de 1979, fui recebida, na minha qualidade de primeiro-ministro, por João Paulo II e o convidei para visitar Portugal, não pude deixar de pensar nos Países que marcaram já a minha existência.

Directamente — e de forma indelével — Pio XII. Foi o Papa que estimou o trabalho dos intelectuais na vida da Igreja e que disse às mulheres que se deviam empenhar em novas tarefas na sociedade, assumindo responsabilidades públicas quando fosse necessário. Dele recordei as palavras que no ano — que já vai longe! — de 1956, citei numa sessão pública de homenagem ao Papa:

«Como poderá o crente separar em si religião e vida, sem dividir mortalmente o próprio ser e sem transformar, como insensato, a obra de Deus? Seja portanto viva a vossa fé, quer dizer, seja ardente e vivida, de modo que a religião dirija a vida, e a vida se torne continuo acto de

religião. Na verdade quanto mais profundamente está o cristão radicado na fé, tanto mais prontamente cumpre os deveres que a vida lhe impõe e tanto mais eficazmente opera a função divina de desempenhar os altos cargos e obrigações de promover o bem social, a ordem pública e a pacífica convivência dos povos» (Mensagem Pascal de 1955).

Depois foi a grande Primavera da Igreja neste século com João XXIII: o anúncio do Concílio, a sua preparação, o entusiasmo com que os grupos verdadeiramente empenhados na vida da Igreja seguiram os relatos das sessões do Concílio, a novidade doutrinal e pastoral dos grandes documentos como «Lumen gentium» e «Gaudium et Spes». Tal como muitos outros cristãos orientei dezenas de sessões de estudos, fiz numerosas conferências a tornar compreensível a outros cristãos as grandes afirmações do Concílio. E quem não se recorda da afirmação categórica de «Lumen gentium» que

veio sacudir a piedade demasiado intimista herdada do séc. XIX:

«...o designio livre de Deus foi que os homens não recebam a santificação e a salvação separadamente, fora de todo o laço mútuo; quis, pelo contrário, fazer deles um povo que o conhecesse segundo a verdade e que o servisse na santidade».

Foi este Povo de Deus reencontrado que Paulo VI teve de guiar nos anos extremamente difíceis do período pós-conciliar. Tive o privilégio de falar por várias vezes de Paulo VI. Quando da homenagem que na UNESCO foi prestada à sua memória proféri, em nome de todos os países ocidentais, as seguintes palavras:

«Acima de tudo, existem duas imagens de Paulo VI que gostaria de reter. Dum lado, quando, designado bispo de Milão, entra nessa cidade e se prosterna para beijar o solo onde vivem aqueles que vai servir. Que sinal mais claro dum verdadeiro serviço dos homens? É a terra, os homens e a sua terra que contam, e Paulo VI baixa-se — eu diria, eleva-se — para tocar essa terra sagrada.

Doutro lado, como Papa, mais solenemente, dirige-se à Assembleia das Nações Unidas num apelo para a paz. E, como lhe perguntaram nessa época, em nome de quem, em nome de quê? Em nome do que dizia de si mesmo: um perito em Humanidade.»

Temos agora entre nós João Paulo II. Para além das palavras que pronunciar, o que conta é a sua presença como sinal da comunhão entre os católicos do Mundo inteiro. Sabemos que nele os valores humanos mais autênticos ganham a sua justa perspectiva. Não é outro o sentido de muitas das suas alocuções de que cito uma passagem quando da visita que João Paulo II fez à UNESCO:

«Decidi-vos a dar provas de mais nobre solidariedade com a Humanidade: a que é fundada sobre a dignidade da pessoa humana. Construi a paz começando pelos fundamentos: o respeito de todos os direitos do homem, os que estão ligados à sua dimensão material e económica, bem como os que estão ligados à dimensão espiritual e interior da sua existência no Mundo.»

Programa integral da visita pontifícia

1.º DIA — QUARTA-FEIRA, 12 DE MAIO

- 13.30 — Chegada ao Aeroporto de Lisboa.
 - Cumprimentos oficiais.
 - Breve saudação do Santo Padre.
- 14.00 — Em cortejo automóvel o Santo Padre dirige-se à Catedral de Lisboa e à Igreja de Santo António, com o seguinte percurso: Avenida Almirante Gago Coutinho, Rotunda do Relógio, Avenida do Brasil, Avenida de Roma, Avenida João XXI, Campo Pequeno, Avenida da República, Saldanha, Avenida Fontes Pereira de Melo, Praça Marquês de Pombal, Avenida da Liberdade, Rossio, Rua do Ouro, Terreiro do Paço, Rua Augusta, Rua do Comércio, Rua da Madalena e Largo da Sé.
- 14.30 — Na Catedral, é saudado pelo Cardeal Patriarca e fala especialmente ao Laicado. Na Igreja de Santo António, é saudado pelo Provincial dos Padres Franciscanos.
- 15.30 — Partida para o Palácio de Belém.
- 16.00 — Visita à Sua Excelência o Presidente da República e Família.
- 17.15 — Na Nunciatura, o Santo Padre receberá em audiência as altas individualidades do Estado e da vida política nacional.
- 19.00 — Partida para Fátima.
- 20.30 — Recepção ao Santo Padre na Capela das Aparições.
 - O Santo Padre toma parte em algumas das cerimónias nocturnas.

2.º DIA — QUINTA-FEIRA, 13 DE MAIO

- 8.30 — Encontro com os Bispos portugueses.

- 10.15 — Entrada do Papa no recinto do Santuário.
- 10.30 — Celebração da Eucaristia e renovação da Consagração a Nossa Senhora.
- 13.00 — Despedida dos peregrinos ao Santo Padre.
- 16.15 — Inauguração do Centro Paulo VI.
 - Audiência aos Sacerdotes, Religiosos/as, membros dos Institutos Seculares e Seminaristas teólogos, aos quais dirige a palavra sobre as exigências da vida consagrada.
 - Breve encontro com os Servitas, empregados do Santuário e trabalhadores das obras recentemente ali concluídas.
 - Bênção da 1.ª pedra da Santa-Casa João Paulo II.
- 18.00 — Partida de Fátima.
- 19.30 — No Palácio de Queluz, audiência ao Corpo Diplomático, no fim da qual seguirá para a Nunciatura.

3.º DIA — SEXTA-FEIRA, 14 DE MAIO

- 8.40 — Chegada a Vila Viçosa, ao Terreiro do Paço, seguindo para as Portas de Évora, pela Avenida dos Duques de Bragança, Avenida Bento de Jesus Caraça e Praça da República.
- 9.00 — Celebração da Palavra nas Portas de Évora. Alocução do Santo Padre sobre problemas do mundo rural.
- 10.30 — Partida para Lisboa.
- 11.50 — Visita à Universidade Católica. Alocução do Santo Padre.
- 12.45 — Chegada ao Patriarcado. Cumprimentos da Comissão Nacional e seus colaboradores.
- 13.15 — Refeição no Patriarcado.
- 16.00 — Encontro na Nunciatura com os representantes de outras Igrejas e Confissões religiosas.

- 17.00 — Celebração da Eucaristia no Parque Eduardo VII, com homília sobre a responsabilidade na evangelização, especialmente referida aos jovens.

4.º DIA — SÁBADO, 15 DE MAIO

- 8.30 — Chegada a Coimbra, ao Estádio Municipal, onde o Bispo da Diocese saúda o Santo Padre.
 - Percurso do Estádio para a Universidade, pela Rua dos Combatentes, Alameda Dr. Júlio Henriques, Arcos do Jardim, Cidade Universitária e Porta Férrea.
- 9.00 — Encontro com os intelectuais na Universidade de Coimbra. Saudação do respectivo Reitor e alocução do Santo Padre.
- 10.00 — Partida para o Sameiro.
- 11.00 — Chegada ao Sameiro.
- 11.30 — Celebração da Eucaristia, com homília dirigida especialmente às Famílias Cristãs.
- 13.30 — Refeição no Centro Apostólico Paulo VI.
- 16.00 — Partida do Sameiro.
- 16.30 — Chegada à parada do Quartel da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia) e partida para o Porto, pela Rua Rodrigues de Freitas, Avenida da República, Ponte D. Luís, Avenida Vimara Peres, Avenida D. Afonso Henriques, Praça de Almeida Garrett, Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados e Praça de Humberto Delgado.
- 16.30 — Encontro com a população na Praça Humberto Delgado, com alocução sobre os valores e exigências do trabalho humano, precedida de uma saudação do Bispo do Porto.
- 17.45 — Partida do Porto.
- 18.15 — Cerimónia de despedida no Aeroporto de Pedras Rubras.
- 18.45 — Partida para Roma.

